


BIBLIOTECONOMIA SOCIAL, CRÍTICA E PROGRESSISTA: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL E INTERNACIONAL

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

Doutora em Ciência da Informação (UFMG)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0003-2463-7914> E-mail: gfrancinne@gmail.com

Daniela Cândido da Silva

Discente do Curso de Biblioteconomia

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-1566-8279> E-mail: danielacandidos@ufrn.edu.br

Submetido em: 01-08-2019

Reapresentado em: 15-09-2019

Aceito em: 16-09-2019

RESUMO

A Biblioteconomia é um campo científico que tem apresentado nas últimas décadas a discussão mais forte sobre seu caráter social e a importância de se afastar de uma base conservadora. Assim, novos termos qualificadores desta Biblioteconomia podem ser encontrados como, por exemplo, Biblioteconomia Social, Progressista e Crítica. Essa Biblioteconomia alternativa e sua produção consiste no foco desta pesquisa cujo objetivo geral é mapear a produção científica indexada em distintas bases de dados. O procedimento metodológico selecionado foi a bibliometria, de cunho quantitativo, que visa, nesse primeiro momento, identificar a ocorrência dos termos “*Biblioteconomia Social*”, “*Biblioteconomia Progressista*” e “*Biblioteconomia Crítica*”, assim como os termos correspondentes em inglês “*Social Librarianship*”, “*Progressive Librarianship*” e “*Critical Librarianship*”. Assim, foram selecionadas intencionalmente duas bases de dados, uma nacional e outra internacional, para a coleta de dados, a saber: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e *Library*

and *Information Science Abstracts* (LISA). A pesquisa com os termos nas referidas bases ocorreu em janeiro de 2019, por conseguinte, os dados coletados foram tabulados e apresentados neste artigo. Foi possível perceber que o uso dos termos ainda é pouco presente na produção biblioteconômica, haja vista que passaram a ser utilizados a partir da década de 2000. No Brasil, o “divisor de águas” foi o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB), de 2017, tendo em um dos eixos temáticos a presença do termo “Biblioteconomia social”.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Biblioteconomia Social. Epistemologia. Bibliometria.

SOCIAL, CRITICAL AND PROGRESSIVE LIBRARY SCIENCE: NATIONAL AND INTERNATIONAL MAPPING OF SCIENTIFIC PRODUCTION

ABSTRACT

Library Science is a scientific field that has presented in recent decades the strongest discussion about its social character and the importance of moving away from a conservative base. Thus, new qualifying terms of this area can be found, for example, Social, Progressive and Critical Library Science. This alternative use and its production is the focus of this research whose general objective is to map the indexed scientific production in different databases. The methodological procedure selected was the bibliometrics of quantitative nature, which aims, at this first moment, to identify the occurrence of the terms, in Portuguese, “*Biblioteconomia Social*”, “*Biblioteconomia Progressista*” e “*Biblioteconomia Crítica*”, as well as the corresponding terms in English “*Social Library Science*”, “*Progressive Library Science*” and “*Critical Library Science*”. Thus, two databases were intentionally selected, one from Brazil and other international, for data collection, namely: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) and Library and Information Science Abstracts (LISA). The search with the terms in these databases took place in January 2019, therefore, the collected data were tabulated and presented in this paper. It was possible to notice that the use of the terms is still little present in the library science production, considering that they started to be used from the 2000s. In Brazil, the “watershed” was the Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação [Brazilian Congress of Library, Documentation and Information Science] (CBBB), in 2017, having in one of the thematic axes the presence of the term “*Social Library Science*”.

Keywords: Library Science. Social Library Science. Epistemology. Bibliometry.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia tem uma longa trajetória histórica que se vincula intimamente com a história das bibliotecas até a sua própria consolidação como campo científico. As coleções de registros materiais produzidos pela humanidade, nos mais diversos suportes físicos, tabuinhas de argila, papiro e pergaminho, configuraram nos acervos das primeiras bibliotecas, e possibilitaram, na Antiguidade, a origem dos princípios da Biblioteconomia notadamente pré-científica. A necessidade de espaços para a guarda e a preservação dos registros do conhecimento humano de cunho administrativo, literário e científico conduziu ainda a criação dos primeiros instrumentos de organização bibliográfica: os catálogos e os inventários dos acervos das bibliotecas antigas ou primitivas.

Desde os primórdios até a Idade Média, as bibliotecas constituíram em instituições destinadas ao armazenamento, organização e acesso apenas às pessoas autorizadas. Apesar de em ambos os momentos históricos as bibliotecas serem espaços de guarda, na Antiguidade a produção do conhecimento e a constituição das grandes bibliotecas associavam a metáfora de “espelhos do mundo”, isto é, uma tentativa de refletir a produção do conhecimento humano, de modo que elas convergiram-se em centros de produção e acumulação da cultura (BARBIER, 2018). Entretanto, na Idade Média, os acervos das bibliotecas dos mosteiros, conventos, abadias e igrejas limitavam-se aos conhecimentos teológicos, sob o controle de acesso e produção pela igreja católica, o que impossibilita uma aproximação ilimitada das instituições nesses dois momentos na história das bibliotecas, como aborda Martins (2002). Uma mudança ainda mais significativa na ordem dos saberes ocorre no baixo medievo com a criação das universidades ocidentais, que requeriam a (re)produção de livros para além dos saberes religiosos, isto é, os livros passam a ser vistos como instrumentos indispensáveis para o ensino, alterando inclusive o sistema de produção (BARBIER, 2018).

Já na Idade Moderna, a preocupação com a produção dos registros humanos, sobretudo, a retomada das obras artísticas e científicas produzidas na Antiguidade, antes enclausuradas, somada ao aumento exponencial dos livros impressos nas oficinas

tipográficas, inauguram um outro momento para a Biblioteconomia. Assim, de uma Biblioteconomia pré-científica, a modernidade elaborou uma Biblioteconomia proto-científica (TANUS, 2016), marcada pela produção de bibliografias, de tratados e manuais com vistas a organização dos conhecimentos. Os dispositivos de organização, como os catálogos, os inventários e as classificações, também destacam-se como instrumentos que visavam impor nas bibliotecas uma “ordem dos livros”, estas marcadas pelo acúmulo de livros manuscritos e impressos, o que as colocam dentro de uma “perspectiva enciclopédica”, com o retorno ao desejo de uma “biblioteca universal” (BARBIER, 2018).

Com a Idade Contemporânea, após a Revolução Francesa, as bibliotecas, em especial a biblioteca pública, se configuram como um espaço de acesso aberto e mantido pelo Estado (BRETTAS, 2010). O “leitor” entra em cena no espaço público e a biblioteca tem seu papel social alterado, sendo preciso acompanhar a demanda da recente sociedade industrial, que exige corpos dóceis e qualificados, sobretudo, nos espaços das bibliotecas públicas. Com o crescimento exponencial do livro moderno, desde a imprensa de Gutenberg, passando pelo desenvolvimento das grandes coleções, tornou-se indispensável a formação de profissionais especializados, tanto para gerir os espaços das bibliotecas quanto para o controle e o acesso às coleções. Tais demandas culminaram, portanto, no século XIX, na criação dos primeiros cursos superiores de Biblioteconomia, isso em meio a consolidação do Positivismo no seio das Ciências Sociais. Foi, naquele momento, imperiosa a necessidade da individualização do conhecimento e da legitimação da produção científica em geral, por meio do estabelecimento de teorias, métodos e técnicas de organização dos saberes especializados para cada um dos campos do conhecimento em formação, inclusive a Biblioteconomia.

Dito isto, a Biblioteconomia configura-se nesse momento como um campo devotado aos processos técnicos da organização do conhecimento, mais detidamente nos espaços das bibliotecas, as quais são marcadas pela tônica do pensamento hegemônico com sendo o foco dos fazeres e dos saberes. A produção de teorias e sistematizações específicas do campo da Biblioteconomia fortalece-se com a Escola de

Chicago que, a partir do primeiro doutorado na área, já na década de 1920, buscou a delimitação mais clara de um paradigma científico (DELGADO; LÓPEZ-CÓZAR, 2002). Todavia, nesse ínterim, a Biblioteconomia se estabeleceu como uma área tecnicista, para qual a organização era mais importante do que o usuário, a comunidade, a produção de serviços e produtos segundo as suas necessidades informacionais. Isso significa que a discussão sociocultural do profissional ainda se encontrava muito incipiente, ou melhor, inexistente, havendo uma defesa da neutralidade, imparcialidade e objetividade do pensamento.

Uma mudança na Biblioteconomia ecoou a partir dos escritos de Jesse Shera e Margareth Egan (1952) com a “Epistemologia social”, em que focalizaram o contexto cultural das bibliotecas como instituições sociais, o indivíduo e suas necessidades informacionais contextualizadas, e o aumento da utilidade dos registros gráficos. O objeto dessa nova disciplina não se concentraria no livro ou nas formas de organização, mas na abstração que, por meio do modelo social, perpassa o fluxo, produção, integração e consumo de todas as formas do pensamento comunicado (SHERA, 1977). Portanto, “se a Biblioteconomia deve servir à sociedade em toda extensão de suas potencialidades, deve ser muito mais que um monte de truques para encontrar um determinado livro numa estante particular, para um consulente particular” (SHERA, 1977, p. 10). Assim, mesmo que o pensamento de Shera e Egan seja associado a uma corrente funcionalista, isto é, de “um ordenamento social”, vinculado ao positivismo, vê-se, a partir dessa Epistemologia social, as raízes para uma virada epistemológica da Biblioteconomia, que se contrapõe à Biblioteconomia tradicional, conservadora e elitista (TANUS, 2016).

No Brasil, nas últimas décadas, em especial, no fim da ditadura civil-militar (1964-1985), momento conhecido como de redemocratização, iniciou-se, na Biblioteconomia, uma discussão mais intensa sobre o caráter social e a importância de se afastar de uma base tradicional, conservadora e puramente tecnicista. Esse pensamento crítico pode ser encontrado nos escritos de Anna da Soledade Vieira (1983), Solange Puntel Mostafa (1985), Luiz Milanesi (1986), Francisco das Chagas de Souza (1993), Oswaldo Almeida Júnior (1997), entre diversos outros autores que publicaram nas antigas revistas de

Biblioteconomia. Encontram-se, assim, nesses textos, fortes questionamentos acerca de uma Biblioteconomia excludente, que se volta para organização dos acervos como uma atividade fim, abstendo-se de uma discussão crítica dos processos, dos instrumentos, dos serviços prestados pelos bibliotecários, estes que parecem absortos do meio social. Esse outro olhar da Biblioteconomia conduz a diversas designações: Biblioteconomia Guerrilheira; Biblioteconomia Subversiva; Biblioteconomia Crítica; Biblioteconomia Social; Biblioteconomia Progressista, Biblioteconomia Alternativa e Biblioteconomia Política.

A partir dessa rápida investida na história da Biblioteconomia, estabeleceu-se para este trabalho o objetivo de verticalizar uma discussão contemporânea, delineando o seguinte escopo: mapear a produção científica acerca da “Biblioteconomia Social” indexada na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e *Library and Information Science Abstracts* (LISA). Observa-se que o termo “Biblioteconomia Social” mantém estreita relação com outros termos, sobretudo, “Biblioteconomia Progressista” e “Biblioteconomia Crítica”, confirmados também como mais difundidos na literatura biblioteconômica.

Apesar de Mostafa (1985) ter usado o termo “Biblioteconomia social”, em sua tese “Epistemologia da Biblioteconomia” ainda na década de 1980, percebeu-se que, no Brasil, esse termo não foi apropriado pelos estudos e produções, na frequência e problematização desejadas. Nessa direção se faz indispensável a apresentação de dados que subsidiem essas afirmações, para a qual se utilizou da técnica bibliométrica, em pesquisa nas duas mais importantes bases de dados da área, a fim de conhecer e diagnosticar a produção científica sobre essa temática, e contribuir para epistemologia da Biblioteconomia contemporânea.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste estudo convocou-se a pesquisa exploratória e a abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa exploratória é aquela que tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito

ou a construir hipóteses (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). A pesquisa quantitativa vincula-se ao registro e a quantificação das informações, o que corresponde ao uso da técnica bibliométrica. A bibliometria corresponde ao estudo matemático e estatístico da produção e comunicação escrita, com vistas à discussão do comportamento da informação registrada (FIGUEIREDO, 1977). Para o levantamento dos dados foram selecionadas intencionalmente essas duas bases de dados, uma nacional e outra internacional, a saber: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e *Library and Information Science Abstracts* (LISA).

A BRAPCI disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais, impressos e eletrônicos, da área de Ciência da Informação, sendo uma base de dados amplamente utilizada no cenário brasileiro. A LISA, por sua vez, é reconhecida nacionalmente e internacionalmente, e indexa, desde 1969, mais de 300 periódicos de quarenta países, em mais de vinte línguas. A pesquisa em ambas as bases se concentrou nos artigos avaliados pelos pares, excluindo outras tipologias documentais, como, por exemplo, teses, dissertações, anais de congresso, comunicações, entre outros documentos que as respectivas bases de dados indexam. A coleta de dados ocorreu em janeiro de 2019, sem recorte temporal, com intenção de constatar o universo da produção científica.

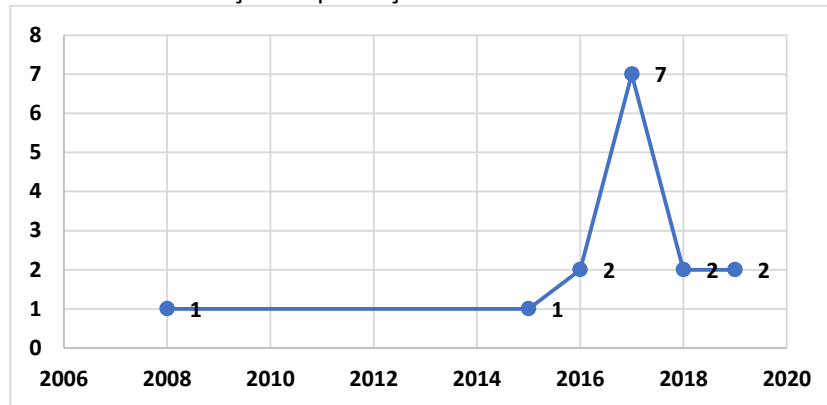
Para o levantamento dessa produção, materializada nos artigos publicados em periódicos acadêmicos e indexados, elegeu-se os termos estratégicos para as consultas. Os termos na base de dados nacional foram: “Biblioteconomia Social”; “Biblioteconomia Progressista” e “Biblioteconomia Crítica”; já, para a base internacional, foram definidos os seguintes termos na língua inglesa: “*Social Librarianship*”, “*Progressive Librarianship*” e “*Critical Librarianship*”. Optou-se por buscar os termos compostos, dentro de aspas, de modo a verificar a ocorrência efetiva de tais expressões, e não seus termos em separado. Importante destacar ainda que os termos “*Critical Library Science*” e “*Progressive Library Science*”, não apresentaram resultados a partir da consulta, já com “*Social Library Science*”, foi recuperado um artigo que também apareceu na busca com o termo “*Social Librarianship*”.

A análise temática, nesse momento de mapeamento da produção científica, foi realizada a partir da leitura e interpretação dos elementos pré-textuais (título, resumo, palavras-chaves). Desse modo, será apresentada uma síntese geral de cada um dos artigos recuperados, bem como todas as palavras-chaves desses artigos, as quais compõem nuvens de palavras, geradas pelo software Wordle. Cumpre salientar que todos os artigos oriundos da base BRAPCI possuíam palavras-chaves, enquanto que alguns artigos da base LISA não as apresentavam. Na ausência das palavras-chaves, optou-se por coletar, no campo “assunto” da própria base de dados, os termos que ela utiliza para indexar o artigo, para a composição das referidas nuvens de palavras, com todos os artigos recuperados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Produção científica indexada na base BRAPCI

Na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), foram recuperados 12 artigos, por meio do termo composto “Biblioteconomia Social”, utilizando-se, como dito acima, as aspas e não tendo delimitado um recorte temporal. Com o termo “Biblioteconomia Progressista”, foram recuperados, nessa mesma base, apenas dois resultados e, com o termo “Biblioteconomia Crítica”, registrou-se apenas uma ocorrência. Percebe-se que o uso desses termos, em artigos científicos, é recente no Brasil, tendo em vista os poucos trabalhos que foram recuperados, totalizando-se 15 artigos. Com a intenção de perceber a distribuição temporal dessas ocorrências, a data de publicação de cada um foi identificada, gerando o seguinte resultado disponível no Gráfico 1, gerado pela planilha do Excel:

Gráfico 1 - Distribuição da produção científica indexada na base BRAPCI

Fonte: Elaborado pelas autoras

Dos 12 artigos coletados que compõem os resultados recuperados sob o termo “Biblioteconomia Social”, quatro deles foram publicados antes do ápice do gráfico, apresentando o uso do termo “**Biblioteconomia social**”, numa perspectiva de novos comportamentos para a Biblioteconomia.

O artigo, “*Hacia una Biblioteconomía Responsable Socialmente*” (autoria de: María Jesús Morillo Calero, 2008), aborda as ameaças de uma suposta neutralidade ideológica, revelando que muitas associações relevantes no campo da Biblioteconomia já dispõem sua orientação para o social. O artigo, “*Implantação da Biblioteca no Cárcere: desafios e possibilidades*” (autoria de: Leni Beatriz Colares; Catia Rejane Lindemann, 2015), discorre sobre a responsabilidade social de implantar uma biblioteca penitenciária e a importância de promover o acesso à leitura aos presos em um ambiente de restrição. Já o “*Bibliotecas prisionais catarinenses e a ausência do bibliotecário*” (autoria de: Amabile Costa; Catia Rejane Lindemann; Daniella Camara Pizarro; Joel Nunes da Silva, 2016), apresenta uma reflexão teórico-prática do próprio termo Biblioteconomia Social, tendo como uma das grandes novas vozes em prol dessa Biblioteconomia a autora Catia Lindemann como primeira autora, e que é e uma das responsáveis pela coordenação do “Eixo 4: Bibliotecas para todos [...]”, do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), ocorrido em 2017. E o quarto, “*Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas*” (autoria de: Catia Lindemann; Daniela Spudeit; Elisa Cristina Delfini Corrêa, 2016)”

apresenta uma pesquisa exploratória acerca da Biblioteconomia Social como objeto de atuação e investigação dentro de uma sociedade cada vez mais conectada por meio de novas tecnologias e mídias, visando uma reestruturação das atividades dos bibliotecários, por conta da necessidade de mediação da informação em ambientes informacionais, tanto os analógicos tradicionais quanto os digitais, demanda da nova sociedade da informação.

Dos sete artigos que compõem o ápice do gráfico, seis deles foram apresentados no CBBB, 2017, cujo tema nuclear foi a Agenda 2030,¹ da Organização das Nações Unidas. Portanto, considera-se que o “divisor de águas” na produção científica brasileira referente ao uso de tal termo foi o CBBB, realizado em Fortaleza/Ceará, em 2017. Nesse congresso, aconteceu, pela primeira vez, o “Eixo 4: Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social”. Esses artigos discutiram desde os serviços de informação para além dos muros das bibliotecas até as noções de responsabilidade social e empreendedorismo social do profissional bibliotecário.

A fim de esclarecer mais sobre a temática dos artigos oriundos desse eixo, “Biblioteconomia social”, expõe-se, de modo sucinto, a abordagem de cada um deles. No primeiro artigo em tela: “Biblioteconomia Social por meio do Projeto de Extensão: “Arvoreteca – incentivando a leitura” (autoria de: Flávia Reis de Oliveira; Sabrina Vaz da Silva; Rafaela Dala Riva Nogueira, 2017), aponta o termo como uma corrente paralela ao bibliotecário técnico, disseminador de informação e catalogador; essa corrente estaria ligada ao reconhecimento do papel social do bibliotecário fora do espaço físico da biblioteca, para o fomento à leitura comunitária através de uma biblioteca alternativa, com livros expostos em árvores, de forma gratuita para aqueles que desejarem fazer a retirada.

¹ Esta Agenda é um plano de ação para as pessoas, para o planeta e para a prosperidade. Possui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e 169 metas que devem ser cumpridas até 2030. Fonte: Nações Unidas do Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>.

O segundo artigo, “Biblioteconomia Social: Parceria entre a Biblioteca Pública e o Grupo de Escoteiros Chico Science (PE)” (autoria de: Andrea Batista de Souza; Helio Monteiro Junior; Lúcia Roberta Guedes Alcoforado; Márcio José Gomes, 2017), discute a utilidade social da biblioteca pública, mostrando como as atividades e as ações desenvolvidas nesse espaço podem ser ampliadas a fim de que haja uma inovação dos serviços oferecidos pela biblioteca pública, compreendendo a mesma a partir da parceria com o Grupo de Escoteiros Chico Science de Pernambuco, como um espaço de interação social e cultural.

O terceiro artigo “Contar, Encantar e Educar: aprendizagem através da hora do conto – Relato de experiência da Biblioteca do IFFar Campus Santo Augusto” (autoria de: Daniela Cristina Paulo d'Acampora, 2017), apresenta esse termo dentro da perspectiva da ação socializante na mediação do ato de contar histórias, e o seu contributo informativo e educacional no desenvolvimento do respeito às diferenças, solidariedade e do potencial crítico como ouvinte e futuro leitor.

O quarto artigo, “A nau CBBB: ancoragem na sociedade do conhecimento, para a disseminação da informação social” (autoria de: Cátia Lindemann; Claudio Renato Moraes da Silva, 2017), emprega o termo com direcionamento para o fazer biblioteconômico voltado para a responsabilidade social das bibliotecas no que diz respeito à inclusão social e educação ambiental.

O quinto artigo, “A biblioteca como mediadora nas questões sociais: o tráfico de mulheres no Mato Grosso do Sul. No que podemos colaborar?” (autoria de: Lilian Aguilar Teixeira; Gleibson José da Silva; Rogério Ferreira Marques, 2017), aborda o papel social da biblioteca atrelado à construção de uma sociedade que tenha acesso às informações relacionadas a essa temática, o que contribui para o desenvolvimento sustentável da Agenda 2030, em um de seus objetivos, que é eliminar todas as formas de violência contra meninas e mulheres.

O sexto e último artigo apresentado no CBBB 2017, “Inclusão digital para comunidade da terceira idade: curso de informática básica” (autoria de: Vanessa Dias Santiago, 2017), emprega o termo Biblioteconomia Social para falar sobre projetos que promovem a inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade, a exemplo dos idosos,

pensando na melhoria da qualidade vida dessas pessoas e na ampliação do campo de atuação do bibliotecário.

Após essas ocorrências relacionadas ao congresso, o termo “Biblioteconomia social” apareceu apenas mais duas vezes, o que sinaliza ainda uma apropriação ainda que tímida. Em 2019, o artigo “Empreendedorismo social na Biblioteconomia: análise da atuação bibliotecária em ações com foco na Agenda 2030” (autoria de: Claudia Santos Souza; Daniela Spudeit, 2019) serve-se do termo para representar uma Biblioteconomia humana, com consciência social e coletiva; já o artigo “BookTruck: relato de um case de empreendedorismo social por meio de um projeto de leitura em comunidades de vulnerabilidade social” (autoria de: Catia Rejane Lindemann, 2019) apresenta a ideia de empreender a cultura em todos os lugares através de uma biblioteca itinerante.

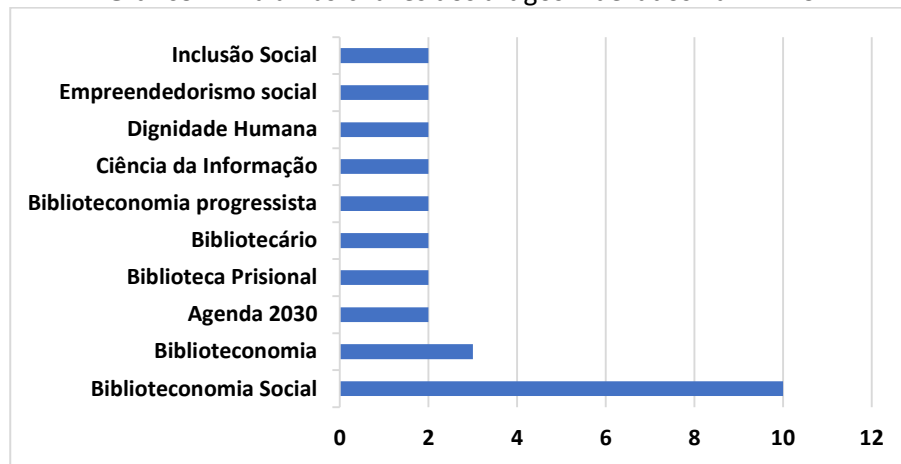
Associado a esse termo anterior, que critica o modelo de uma Biblioteconomia tecnicista, conservadora, tradicional, há os termos Biblioteconomia Progressista e Biblioteconomia Crítica. Em relação ao resultado destes dois termos recuperou-se três artigos no total. O primeiro termo “**Biblioteconomia Progressista**” possibilitou a recuperação de apenas dois artigos: “Construções intersubjetivas na prática bibliotecária: reflexões” (autoria de: Jetur Lima de Castro; Luiz Eduardo Ferreira Silva; Alessandra Nunes de Oliveira, 2018), que sintetiza a necessidade das ações progressistas implicando na receptividade de uma ciência biblioteconômica humanística e próxima do social; e “Entre a censura e a disseminação: uma análise crítica sobre a prática profissional bibliotecária fundada na emancipação de informação e dignidade humana” (autoria de: Alessandra Nunes de Oliveira; Jetur Lima de Castro, 2017), que discute a busca de um comprometimento social vinculado à transposição de barreiras e de práticas convencionais.

O último termo “**Biblioteconomia Crítica**” foi utilizado em apenas um artigo, “Ideologia e Competência Crítica em Informação: um olhar para movimentos de Biblioteconomia crítica” (autoria de: Andréa Doyle, 2018), que trabalha com a teoria crítica da sociedade da Escola de Frankfurt, alinhando os conceitos de competência crítica em informação e ideologia. Um referencial teórico de base marxiana é também empregado em conjunto com a análise da presença online de dois movimentos de

biblioteconomia crítica: o #Critlib (EUA) e o @RadicalLibs (Reino Unido). Seu objetivo é fazer uma aproximação entre a academia e movimentos sociais, ou seja, uma aproximação entre teoria e práxis, de acordo com os ideais estudados.

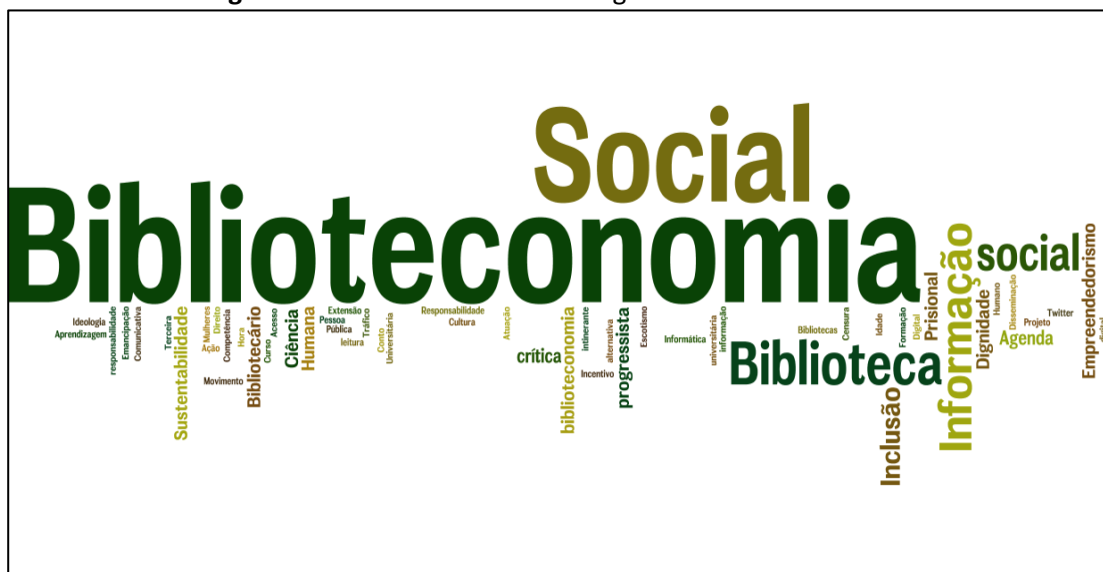
Somando-se todas as palavras-chaves dos 15 artigos recuperados na base BRAPCI, totalizaram 63 palavras-chaves. A seguir apresenta-se o Gráfico 2, gerado no Excel, com as palavras-chaves mais frequentes, isto é, com um corte acima de dois, e na Figura 1 a nuvem, gerada a partir do software Wordle, com todas as palavras-chaves, revelando o uso mais frequente a partir da densidade das palavras.

Gráfico 2 - Palavras-chaves dos artigos indexados na BRAPCI



Fonte: Elaborado pelas autoras

Figura 1 - Palavras-chaves dos artigos indexados na BRAPCI

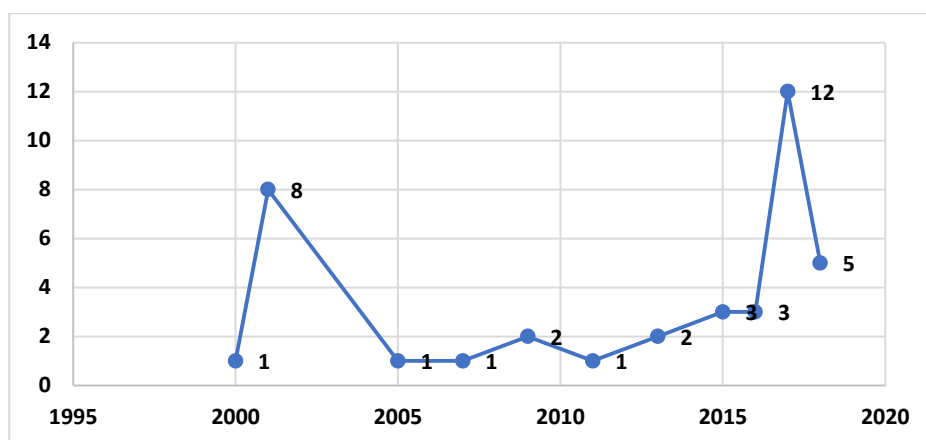


Fonte: Elaborado pelas autoras

3.2 Produção científica indexada na base LISA

Os termos selecionados intencionalmente para compor a análise desta pesquisa também foram recuperados na base de dados internacional *Library and Information Science Abstracts* (LISA). O termo “*Social Librarianship*” apresentou três resultados. Com o termo “*Progressive Librarianship*” foram recuperados 13 resultados, e, com “*Critical Librarianship*”, o resultado apresentou 23 artigos científicos. Os três termos “*Social Librarianship*”; “*Progressive Librarianship*”; “*Critical Librarianship*” totalizaram, portanto, 39 trabalhos, com taxas mais elevadas de publicação em 2001 (oito trabalhos), vinculados a edição volume 22 do periódico sul africano *Innovation* (ISSN: 1025-8892), e, em 2017, 12 trabalhos publicados em diferentes periódicos. Para melhor visualização da distribuição temporal dos artigos segue-se o Gráfico 3, gerado a partir do programa de planilha do Excel:

Gráfico 3 - Distribuição da produção científica indexada na base LISA



Fonte: elaborado pelas autoras

Os artigos coletados na *Library and Information Science Abstracts* (LISA) sob a perspectiva do termo “*Social Librarianship*” discutem o papel social das bibliotecas e dos bibliotecários, atentando-se para o contexto e o potencial da biblioteca em desenvolver as comunidades. Por exemplo, o artigo “*The public library service in a divided community, Portadown, Northern Ireland: a case study*” (autoria de: Micky Doran; Judith Preston, 2000), examina a relação da biblioteca com a comunidade local

da Irlanda do Norte, percebendo um afastamento da população devido às barreiras políticas, sociais e a própria prestação de serviços tradicionais pela biblioteca, impedindo um uso ideal da biblioteca pública. O artigo *“Libraries as Multipliers of Welfare”* (autoria de: Chiara Faggiolani; Giovanni Solimine, 2013) também discute as bibliotecas públicas e o conceito de “bem-estar” e “biblioteca social”, que se volta para as necessidades dos usuários e para o combate da desigualdade social.

As bibliotecas universitárias e seu papel social no combate ao terrorismo no Sul do Egito marcam presença no artigo: *“The potential role of university libraries' manpower, collections, services, facilities and activities in promoting national security in times of crises in Upper Egypt”* (autoria de: Essam Mansour, 2017). Todavia, o estudo conclui que, apesar do potencial da biblioteca em foco, revelou-se uma insuficiência das coleções, serviços, instalações e serviços para combatê-lo.

Com o termo **“Progressive Librarianship”** o primeiro artigo recuperado, *“Voices of dissent: LIWO, civil rights and the library community in South Africa in the 1990s”* (autoria de: Christopher Merrett, 2001) aborda sobre o *Apartheid* na África do Sul. Nesse contexto, a *Library Information Workers Organizations (LIWO)*, em consonância com a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948), configurava-se, nesse período, como um espaço de debates e criação de projetos críticos voltados para a transformação social, por meio do qual seria alcançado um sistema de informação acessível, equitativo e não discriminatório.

Os outros dois artigos intitulados *“Progressive Librarianship in a postmodern world: a prospective view from Australia”* (autoria de: Jennifer Cram, 2001) e *“Living in the real world: a decade of Progressive Librarianship in the USA and in international library organizations”* (autoria de: Al Kagan, 2001) abordam, ambos, a mesma temática dentro de uma certa militância na Biblioteconomia, que tem por princípio a responsabilidade social, reconhecendo e combatendo o caráter conservador das bibliotecas e das instituições *American Library Association (ALA)* e *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)* frente aos desafios e problemas sociais, a exemplo do *Apartheid*.

O quarto artigo, *“How far we progressive library workers have come!”* (autoria de: John Pateman, 2001) retrata o papel social das associações de bibliotecas progressistas, em especial a *Information for Social Change* (ISC) da Inglaterra, originada em decorrência da contribuição da LIWO, com o propósito de promover o apoio à liberdade e ética dentro do contexto da informação, e opor-se à censura. Os artigos *“Progressive Librarianship: a personal view from the US”* (autoria de: Elaine Harger, 2001) e o *“BiS: the formation and development of a left-wing library society in Sweden”* (autoria de: Lennart Wettmark, 2001) discutem, a partir da utilização do termo, a atuação de grupos de bibliotecários progressistas no compromisso com a prática baseada na autorreflexão, correlacionada à educação e ao ativismo, além de defender o igualitarismo nas políticas de seleção em bibliotecas.

O sétimo artigo, *“What progressive librarians believe: an international perspective”* (autoria de: Mark Rosenzweig, 2001), retrata a concepção de garantia dos meios de acesso ao patrimônio comum para todos em uma sociedade democrática. Por conseguinte, o artigo *“Progressive Librarianship: oxymoron, tautology, or the smart choice”* (autoria de: Colin Darch, 2001), aponta o engajamento dentro da profissão, sucedendo a valorização de conceitos como liberdade de expressão e direitos humanos, destacando a importância da biblioteca como instituição que preserva o patrimônio cultural frente à mercantilização e à privatização da informação. Ademais, a história da classe trabalhadora britânica é usada para mostrar como a alfabetização cultural em massa e a disponibilidade social da informação são essenciais para a democracia.

O artigo *“Maurice Line: a personal and inevitably partial view”* (autoria de: B. J. Enright, 2005) apresenta as contribuições de Maurice Bernard Line, um importante bibliotecário progressista britânico devoto aos programas de educação em bibliotecas. Já o artigo *“Library Juice Concentrate”* (autoria de: Laura Crossett, 2009) aponta os aspectos de neutralidade profissional e liberdade intelectual na atuação profissional frente aos efeitos sociais da mudança tecnológica, fomentando uma nova identidade cultural do bibliotecário na elaboração de ações sociais.

A atuação dos programas colaborativos entre bibliotecas escolares, professores, biblioteca pública, comunidade e universidades é o foco do artigo *“Building a Strong*

Web: Connecting Information Spaces in Schools and Communities” (autoria de: Christopher Ritzo; Chaebong Nam; Bertram (Chip) Bruce, 2009). O penúltimo artigo, “*A critical examination of the Librarians Registration Council of Nigeria Code of Ethics in the Light of International best practices in Library and Information Science Professions*” (autoria de: Florence Enyiema Adejumo; Peter Olorunleke Oye, 2015), discute a relação entre os códigos de ética da IFLA e o Código de ética dos bibliotecários da Nigéria, destacando que os profissionais da informação têm um papel importante na sociedade ao lidar com a informação, e que precisam pautar-se pela ética apresentada por ambos os códigos que apresentam pontos em comum.

E, por último, o artigo “*Advancing an Indigenous Ecology within LIS Education*” (autoria de: Loriene Roy, 2015) aborda como o ensino de *Library and Information Science* (LIS) pode incorporar um ambiente de aprendizagem ético baseado na cosmovisão indígena. Para a autora, a ecologia indígena fornece um meio para respeitar a diversidade enquanto reinterpreta valores profissionais fortemente detidos, como os relacionados ao acesso à informação e a teoria da justiça social.

Com o termo “**Critical Librarianship**”, foram recuperados, como dito, 23 artigos. O primeiro deles, denominado de “*Why do we ask the same questions? The Triple Helix Dilemma revisited*” (autoria de: Richard Delgado; Jean Stefancic, 2007), discute estratégias de busca, questionando o pensamento categórico, e também se é possível transcender as categorias que nossas mentes trazem para a busca baseada em computador quando não sabemos exatamente o que estamos procurando. O segundo artigo, “*The Road from Teacher to School Librarian*” (autoria de: Patty Saidenberg, 2011), apresenta a experiência de uma professora e sua ação de voluntariar na biblioteca da escola das filhas, revelando uma integração entre o ensino e a biblioteca escolar, como um ambiente de aprendizado crítico na busca de informações seguras.

O terceiro artigo, nomeado de “*Retrocomputing as preservation and remix*” (autoria de: Yuri Takhteyev; Quinn DuPont, 2013), fala sobre a “retrocomputação” como importante aliada no resgate dos conhecimentos negligenciados e na ampliação da diversidade de perspectivas, reconhecendo tal termo como um movimento que cada

vez mais reconhece a biblioteca como agente no combate aos preconceitos, e como fornecedora do acesso justo à informação.

No seguinte artigo *“A decade of critical information literacy: A review of the literature”* (autoria de: Eamon Tewell, 2015) a adoção do termo é empregada para importância da literacia informacional como um fator atrelado ao papel do bibliotecário, e reconhece o seu potencial para as mudanças sociais através da capacitação dos alunos para o conhecimento crítico da informação e a formação de cidadãos alfabetizados.

O enlace entre a Educação e a Biblioteconomia é o foco do artigo *“Thinking outside the box: a critical literacy collaborative”* (autoria de: Vivian Bynoe; Anne Katz, 2018). O relato de experiência a partir do projeto de alfabetização crítica se mostrou eficaz como um caminho para que os usuários percebessem de modo crítico a informação, habilitando nomeá-los de consumidores críticos da informação.

O artigo *“Empowered to Name, Inspired to Act: Social Responsibility and Diversity as Calls to Action in the LIS Context”* (autoria de: Sarah T. Roberts; Safiya Umoja Noble, 2016) apresenta, como um dos princípios da LIS, a responsabilidade social e a diversidade, discutindo sobre a necessidade de alterar o ensino da área, em prol do engajamento com o compromisso social, redução da desigualdade e da injustiça por meio de intervenções socialmente responsáveis.

A concepção de “biblioteca como espaços seguros” e as bibliotecas acadêmicas é o foco do artigo *“Assessing Safe Spaces for Digital Scholarship in the Library”* (autoria de: Rachel Wexelbaum, 2016), que apresenta a relação de influência desse fator na aprendizagem e na capacitação do uso das novas mídias tecnológicas para a melhoria da condição humana. Nessa direção das bibliotecas acadêmicas, a resenha do livro *“Dynamic Research Support for Academic Libraries”* (autoria de: Martha F. Earl, 2017) ressalta como a literacia informacional pode incentivar os alunos a pensar criticamente, o texto defende que a interação entre alunos e bibliotecários pode ajudar na independência na pesquisa e no desafio frentes às fontes tradicionais de informação.

O artigo *“Risks and Benefits of Visibility: Librarians Navigating Social and Political Turbulence”* (autoria de: Peter Johan Lor, 2016) explora como os fatores de visibilidade e invisibilidade das bibliotecas na arena política e social apresentam pontos positivos e

negativos. O autor conclui que os riscos de invisibilidade superam os de visibilidade, mas que a consciência política, o engajamento e o comprometimento da profissão da biblioteca são críticos.

No artigo *“A Kairos of the Critical: Teaching Critically in a Time of Compliance”* (autoria de: Emily Drabinski, 2017) é mostrado um panorama sobre bibliotecários interessados nas abordagens críticas para o ensino da Biblioteconomia a exemplo das questões de gênero, sexualidade e sustentabilidade ambiental, desenvolvidas tanto em artigos publicados, como também em oficinas, colóquios e conferências. A autora reforça a importância de aliar uma pedagogia crítica em processos de ensino e aprendizado.

Nessa direção de uma pedagogia crítica o artigo *“Reorienting an Information Literacy Program toward Social Justice: Mapping the Core Values of Librarianship to the ACRL Framework”* (autoria de: Lua Gregory; Shana Higgins, 2017) discute a importância do desenvolvimento de currículos alinhados ao reconhecimento dos princípios fundamentais, como: democracia, diversidade, bem público e responsabilidade social.

Ao trabalhar com a perspectiva da emergência de bibliotecários críticos, o artigo *“How Cute! Race, Gender, and Neutrality in Libraries”* (autoria de: Gina Schlesselman-Tarango, 2017) explora a feminização e estetização para tentar neutralizar a branquitude nas bibliotecas e na Biblioteconomia, a partir das narrativas produzidas pela categoria “fofura”.

Já no artigo *“Resisting neoliberalism: the challenge of activist librarianship in English Higher Education”* (autoria de: Katherine Quinn; Jo Bates, 2017) trabalha-se os conceitos de hegemonia e práxis de Gramsci, e nas críticas pós-estruturais do neoliberalismo, destacando a ação de bibliotecários ativistas e o coletivo de bibliotecários radicais (*Radical Librarians Collective*), em combater esse nocivo fenômeno.

O artigo *“Realizing critical business information literacy: Opportunities, definitions, and best practices”* (autoria de: Ilana Stonebraker; Caitlan Maxwell; Kenny Garcia; Jessica Jerrit, 2017) aponta o termo “empresário ético”, e vê a responsabilidade

social sendo exercida por meio da literacia informacional nos negócios como uma atividade de extensão dos serviços oferecidos pela biblioteca.

No artigo *“Exploration of Library Outreach to Nontraditional Students”* (autoria de: Andria L. Tieman, Megan E. Black, 2017) discute o papel do bibliotecário em relação a alunos não tradicionais, a exemplo dos idosos. Os autores demonstram que instruções estruturadas e incorporadas à biblioteca reduz a ansiedade e traz melhores resultados educacionais aos alunos.

Dentro de um contexto mais recentemente, o artigo *“Fake news and alternative facts: five challenges for academic libraries”* (autoria de: Rick Anderson, 2017) enfatiza a necessidade das bibliotecas em combater a onda crescente de notícias falsas e mentiras, sendo as bibliotecas cruciais nesse processo.

Na sequência, o décimo sexto artigo *“Report from the Medical Library Association's InSight Initiative Summit 1: Engaging Users in a Disruptive Era”* (autoria de: Katherine G. Akers, 2018) mostra que a união entre bibliotecários acadêmicos e hospitalares juntamente com representantes da indústria editorial são fundamentais no engajamento de usuários de informações sobre as ciências da saúde.

Já no artigo *“Connecting Cline Library with Tribal Communities: A Case Study”* (autoria de: Naomi Bishop; Jonathan Pringle; Carissa Tsosie, 2017) apresenta como um dos seis objetivos do planejamento estratégico o fortalecimento da comunidade universitária com os nativos americanos. A Biblioteca da *Northern Arizona University* (NAU) teve, então, modificações no gerenciamento de coleções e em suas atividades programáticas reformuladas com vistas a incluir também as comunidades nativas de forma mais direta, para isso, o conceito de biblioteca crítica é fundamental para promover uma relação entre as comunidades.

O artigo *“Critical Information Literacy in Practice: A Bibliographic Review Essay of Critical Information Literacy, Critical Library Pedagogy Handbook, and Critical Literacy for Information Professionals”* (autoria de: Lua Gregory; Shana Higgins, 2017) faz uma análise sobre as publicações de bibliotecários que possuem orientação crítica no trabalho em prol da sociedade de acordo com os valores compartilhados pela ALA, nesse

sentido, o artigo expõe a “teoria crítica” como uma multiplicidade de maneiras pelas quais a profissão pode se desenvolver, congregando as bibliotecas à comunidade.

A emergência dos bibliotecários das ciências da saúde no fornecimento de serviços culturalmente competentes para a população lésbicas, gays, bissexuais, trans e queer são discutidos no artigo “*Advancing the conversation: next steps for lesbian, gay, bisexual, trans, and queer (LGBTQ) health sciences librarianship*” (autoria de: Blake W. Hawkins; Martin Morris; Tony Nguyen; John Siegel; Emily Vardell, 2017). Os autores cobrem uma lacuna na área, tendo em vista a pouca quantidade de estudos biblioteconômicos LGBTQ, e destacam a importância da prática crítica reflexiva dos bibliotecários nesse contexto da informação em saúde LGBTQ.

No artigo “*Academic Librarians and the PhD*” (autoria de: Michael Ridley, 2018) o autor discute a designação dos bibliotecários acadêmicos, chamando a atenção para a importância do ensino e da pesquisa. O doutoramento é visto como uma credencial chave para esses bibliotecários.

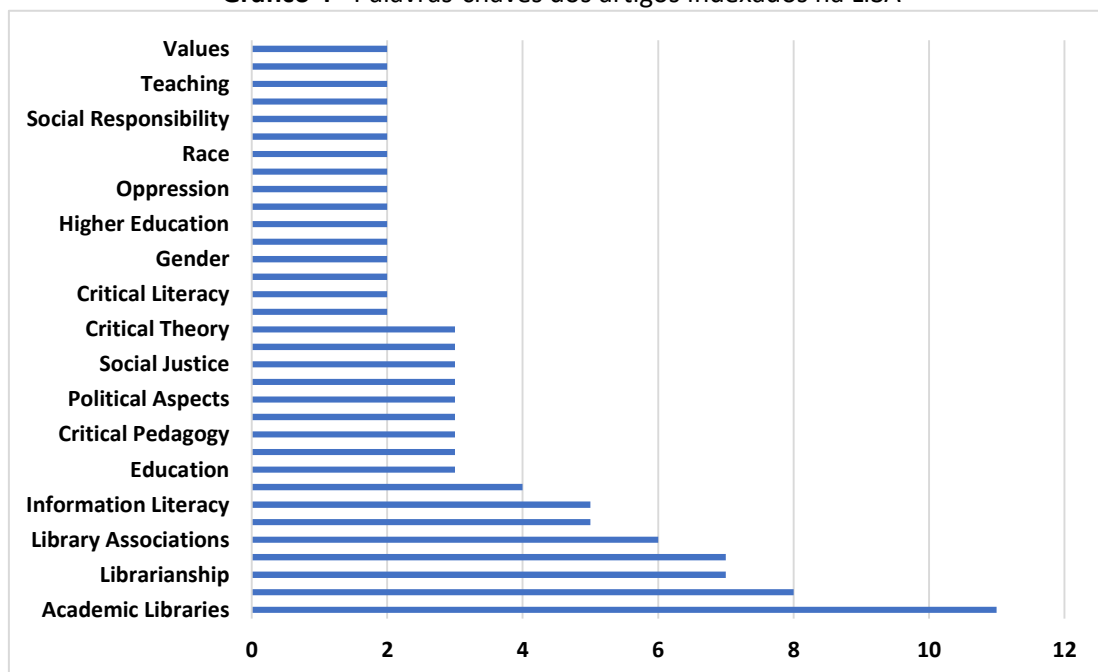
Apontando reflexões sobre o papel da biblioteca pública, o artigo “*Information as currency, democracy, and public libraries*” (autoria de: Christine Stilwell, 2018) mostra que a contribuição para a formação da cidadania está ligada ao acesso à informação promovido pelas bibliotecas, a exemplo do nascimento da democracia recente na África do Sul. Mas, para além do acesso à informação, a autora salienta que as bibliotecas são espaços sociais seguros e confiáveis para o intercâmbio de ideias, criatividade e tomada de decisões. Considera como promissores atuais as bibliotecas nos seguintes países: Estados Unidos da América, Grã-Bretanha, Dinamarca e Austrália.

E, por fim, o último artigo analisado, “*We Here: Speaking Our Truth*” (autoria de: Jennifer Brown; Jennifer A. Ferretti; Sofia Leung; Marisa Méndez-Brady, 2018), em que são trabalhadas a ideia de que a Biblioteconomia se aproxima dos sistemas de opressão estrutural, e que há a necessidade de dar voz à diversidade, incluindo pessoas negras no espaço profissional de atuação da Biblioteconomia. O trabalho elucida as barreiras que sujeitos negros, marginalizados por uma branquitude, encontram no ambiente de trabalho e na profissão em geral, com a intenção de permanência desses sujeitos na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

De modo geral, esses artigos apontam uma visão diferenciada da biblioteca como ambiente seguro e de aprendizado, de combate ao preconceito, de diversidade e inclusão étnico-racial, e acentuam a responsabilidade social da instituição e do(a) bibliotecário(a), bem como observa como este profissional passa a ser ressaltado como um agente de transformação, uma figura política, cultural e social. A informação também assume uma importância crucial no sentido de construção da cidadania e como um elemento intersubjetivo, sendo construído pelo sujeito em meio à realidade social.

Os 39 artigos apresentaram uma diversidade de palavras-chaves, ao todo foram 230 termos, sendo 117 com ocorrência apenas uma vez. Assim como na análise anterior, sistematizou-se, neste artigo, apenas as frequências acima de dois, no Gráfico 4, enquanto todas as palavras podem ser vistas na Figura 2, em sequência:

Gráfico 4 - Palavras-chaves dos artigos indexados na LISA



Fonte: elaborado pelas autoras

Desigualdade e democracia: qual papel das bibliotecas?, e os respectivos eixos: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável; Ninguém fica para trás; Cultura do privilégio; A expansão desenfreada das tecnologias; O farol do *advocacy*; Gestão de bibliotecas; Construção e identidade profissional; Ciência da Informação; Eventos paralelos. Os trabalhos apresentados comporão, certamente, um novo resultado de busca, avolumando ainda mais o debate acerca da Biblioteconomia Social e suas demandas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia Social nasce aliada ao pensamento reflexivo e crítico, dentro e fora das bibliotecas, para que os(as) bibliotecários(as) percebam seu papel e responsabilidade social e atuem como protagonistas da modificação da sociedade. A Biblioteconomia por muitos séculos ocupou-se da organização da informação, sem atentar-se, de modo mais íntimo, para os usuários (sua diversidade e inclusão), bem como para o próprio contexto, o que a colocou num plano de idealização, onde a historicidade da informação como objeto de estudo e os sujeitos que utilizam as bibliotecas estavam distantes dos seus fazeres e dos saberes. Ainda, como bem colocado pelas autoras de um artigo que compôs o levantamento realizado:

Não pode haver menosprezo ao tecnicismo bibliotecário, pois sua existência é essencial para dar funcionalidade à biblioteca como prestadoras de serviços. [...] mas é preciso dar fundação social à biblioteca, para que ela possa atingir seu objetivo de entrelaçamento nas questões bibliotecárias em conjunto com a realidade social, colocando a biblioteca como espaço e objeto central e acesso à informação e cultura dentro da sociedade. (LINDEMANN; SPUDEIT; CORRÊA, 2016, p. 713).

Ainda em relação à produção científica da Biblioteconomia preocupada com a ideia de “responsabilidade social”, há outras produções registrada na área. Todavia, são textos e ações não relacionadas aos termos selecionados para esta pesquisa. A mudança do olhar justamente em prol de uma Biblioteconomia mais crítica, social,

progressista, a partir dessa responsabilidade social, vem sendo sinalizada e materializada, como visto, nas produções. Entretanto, nas últimas décadas, os trabalhos têm relacionados precisamente os termos analisados por esta pesquisa, estes que integram a modificação do olhar que congrega mormente teoria e prática biblioteconômica e preocupação social. Como desejo de fortalecimento desse outro pensamento, mais voltado para a sociedade, sujeitos e comunidades, é necessário a consciência do uso explícito de tais termos, não apenas no texto, ou na maneira de pensar, mas também nos elementos pré-textuais, a fim de possibilitar cada vez mais a visibilidade, o fortalecimento de uma corrente de pensamento alinhada ao social, de uma *práxis* efetiva, criadora e transformadora do mundo (FREIRE, 1987).

Tal enlace, acredita-se, contribuirá para a construção de uma “Outra Biblioteconomia”, contra os sistemas de opressão, de silenciamento, de exclusão; em prol da construção de uma sociedade justa, igualitária, democrática, a qual necessita de um papel progressista de bibliotecários(as). E esse caminhar envolve o acesso e a apropriação da informação, a construção de serviços e produtos direcionados às comunidades. Cada vez mais a formação de leitores, desenvolvimento de competências críticas, alfabetização informacional e digital perpassam as instituições sociais que são as bibliotecas, que não mais apáticas, esperando um usuário indefinido chegar com uma demanda. Como discutido por Almeida Júnior (2015), bibliotecários(as) éticos pautados pelo pensamento crítico, social não agem de maneira neutra e imparcial, até porque os espaços, os saberes, as atuações não são neutros, imparciais, mas intencionais, o que passa a demandar as mediações como protagonistas dentro da Biblioteconomia.

Essa “Outra Biblioteconomia” delineada aqui, vai ao encontro da definição de “Nova Biblioteconomia” (LANKES, 2011). Porém, essa “outra” diz respeito não à novidade da questão, que poderia “envelhecer” e/ou ser substituída por uma outra nova, mas respeita a conformação, dentro do plano do conceito, a noção de alteridade, isto é, das alteridades, em suas diversidades culturais e étnicas, para a inclusão de minorias marginalizadas, e, por conseguinte, a exclusão das formas de silenciamento, visando também o acolhimento de grupos em situação de

vulnerabilidade. Há a necessidade de uma Biblioteconomia que saia “fora da caixa” e revele tanto sua responsabilidade social, quanto a importância do acesso à informação como um fator transformador das comunidades e de realidades. A abertura de novos espaços de atuação e temas dentro da Biblioteconomia é salutar para si própria e para o (re)conhecimento da sociedade sobre campo do conhecimento, este que extrapolou a técnica, e cujo foco envolve, recentemente, os indivíduos comumente nomeados de usuários, ou melhor, “sujeitos informacionais” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002), que devem constituir o centro dessa construção de uma Biblioteconomia Contemporânea em estreita relação com as teorias críticas advindas das Ciências Sociais e Humanas.

Em síntese, o levantamento bibliométrico apresentado possibilitou perceber que entre os termos, a Biblioteconomia Social segue mais utilizada no Brasil, e a Biblioteconomia Progressista e Biblioteconomia Crítica, mais utilizadas nos artigos de língua inglesa. Todos esses termos inserem-se na discussão de uma crítica à Biblioteconomia conservadora e elitista, sendo urgente ampliar o debate teórico e a prática profissional. Sugere-se que na esteira dos estudos bibliométricos que os mapeamentos continuem sendo objeto de investigação, dentro da perspectiva de uma “Outra Biblioteconomia”, na constatação dos autores e autoras mais produtivos, suas preocupações, seus lugares de origem, o que revela as tendências dos estudos, os periódicos e suas temáticas, ademais da verticalização dessas produções a partir da leitura dos textos e construção de outros olhares para a Biblioteconomia Social, com a intenção de observar os passos da ciência em melhoria da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na ciência da informação. **Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez 2015.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2017.

BARBIER, Frédéric. **História das Bibliotecas**. São Paulo: Edusp, 2018.

DELGADO LÓPEZ-COZAR, Emilio. **La investigación en biblioteconomía y documentación**. Gijón: Trea, 2002.

EGAN, Margaret E.; SHERA, Jesse H. Foundations of a theory of bibliography. **Library Quarterly**, v. 22, n. 2, p. 125-137, 1952.

FIGUEIREDO, Nice de Meneses. **Tópicos modernos em Biblioteconomia**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 2019.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novos cenários políticos para a informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 27-40, jan./abr. 2002

LANKES, R. David. **The atlas of new librarianship**. Cambridge, Mass: MIT Press, 2011.

LINDEMANN, Catia Rejane. **A busca pela Biblioteconomia social por meio da ciência da informação**. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande/RS, 2014.

LINDEMANN, Catia; SPUDEIT, Daniela; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC, v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov., 2016.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MILANESI, Luis. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOSTAFA, Solange Puntel. **Epistemologia da Biblioteconomia**. São Paulo, 1985. 145p. Tese (Doutorado) P. Universidade Católica de São Paulo.

SHERA, Jesse. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, junho, 1977.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **Biblioteconomia, Educação e Sociedade**. Florianópolis: UFSC, 1993.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Saberes científicos da biblioteconomia em diálogo com as ciências sociais e humanas**. 2016. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2016.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a Biblioteconomia. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 12, n. 2, p.81-85, jul./dez. 1983.